

## **Por um PSOL cada vez mais popular, democrático e SEM MEDO em São Paulo**

### **Conjuntura**

O golpe institucional de 2016 coroou características que apontam o esgotamento do sistema político brasileiro, principalmente o sequestro desse sistema pelo poder econômico, pelo fisiologismo de grupos políticos sem qualquer projeto para o país que não seja a rapinagem da máquina estatal a fim de garantir a sua própria sobrevivência política, além da corrupção como método institucionalizado de pensar e conduzir a política.

O pacote de reformas do Governo Temer, feito sob medida para romper garantias e direitos sociais consagrados na Constituição Federal arrancados num quadro de intensas lutas sociais na década de 80 tem na relação fisiológica com o Congresso Nacional e na cumplicidade da mídia, numa verdadeira ofensiva para mostrar supostas qualidades da reforma previdenciária além de apontar melhora nos indicadores econômicos no objetivo de legitimar e impulsionar a agenda do governo, a sua força motriz.

O estado de São Paulo, há 23 anos governado pelo PSDB segue sendo a vanguarda da agenda de retrocesso e ataques a direitos. A mais recente onda privatizante dos tucanos a frente do governo estadual atinge o metrô, onde já há denúncias de corrupção, além dos casos da merenda escolar e da CPTM. O arrocho contra os servidores estaduais é uma prática consolidada, não sem que haja resistência dos trabalhadores como na heroica greve dos professores da rede estadual. A entrega das políticas públicas para as Organizações Sociais teve no estado de São Paulo sob governos do PSDB um dos seus principais apoios, e hoje no estado políticas como cultura e assistência social estão totalmente privatizadas.

A cidade de São Paulo segue sendo um lugar de imensos contrastes, no qual coexistem ilhas de prosperidade comparáveis a países desenvolvidos com uma média geral de pobreza, violência e abandono. O Mapa da Desigualdade de 2016, pesquisa da Rede Nossa São Paulo, mostra grandes diferenças de acordo com o distrito da cidade em todas as áreas. Levando em conta o acesso a bens e serviços de acordo com dados do IBGE a pesquisa conclui, entre outras coisas, que um morador do Alto de Pinheiros vive em média 25 anos mais que o de Cidade Tiradentes.

A cidade de São Paulo sob o governo Dória não passa ao largo da política de penalização da pobreza e de ataques a direitos sociais. Eleito sob o discurso das privatizações como panaceia em meio a uma verdadeira guerra no PSDB, na qual o poder econômico do então pré-candidato fez toda a diferença, o primeiro ano a frente da prefeitura se resumiu a uma bisonha mistura de ações espetaculares voltadas a passar a imagem de prefeito modernizador com ataques brutais contra os setores mais vulneráveis e empobrecidos da cidade. Assim foi a guerra declarada contra os usuários de drogas na região da Luz, tratados a bala e confinados no que se assemelhava a um campo de concentração. Assim também foi com os cortes orçamentários na política de assistência social que condenaram os setores mais vulnerabilizados do povo paulistano ao abandono total. As mudanças no transporte escolar, o arrocho aos servidores municipais combinado com o ataque a previdência do município que entre outras coisas confisca salários, a guerra declarada aos ativistas e produtores culturais também foram marcas do primeiro ano de Dória a frente da prefeitura de São Paulo.

Se havia apoio popular ao prefeito nos primeiros meses do governo Dória, em muito devido a cumplicidade da mídia, seu primeiro ano de governo foi suficiente para desfazer por completo a imagem de modernizador que tentou engendrar. Pesquisa recente da Rede Nossa São Paulo indica que apenas 15% da população consideram a gestão Dória boa ou ótima enquanto a avaliação das prefeituras regionais é ruim ou péssima para 46% dos entrevistados.

A resposta aos ataques do prefeito Dória não tardaram a vir, com entidades de defesa dos Direitos Humanos, da população em situação de rua, de defesa da segurança alimentar e nutricional, trabalhadores da assistência social, professores e servidores públicos municipais estabelecendo jornadas de luta contra os ataques do prefeito, chegando a ocupar Secretarias Municipais como os trabalhadores do Transporte Escolar Gratuito na Secretaria de Educação e a ocupação da Secretaria de Cultura por artistas, ativistas e produtores culturais.

Há um clima de resistência ativa na cidade de São Paulo que desembocou no estabelecimento de espaços unitários de luta contra os ataques do prefeito como a frente “São Paulo Não Está a Venda”, o fórum em defesa da cidade e os Bairros Sem Medo, impulsionados pelas forças que compõem a Frente Povo Sem Medo.

## **Reorganização da esquerda - SEM MEDO de lutar!**

O golpe institucional consolidado em 2016 no Brasil deu início a um ciclo de aplicação brutal dos planos do capital para o país. A aprovação em tempo recorde da PEC que corta os gastos públicos por 20 anos, da terceirização irrestrita e destruição de tantos outros direitos trabalhistas, desmonte de programas sociais, venda do patrimônio nacional, e muito mais, em um período de apenas um ano e meio, comprovam este avanço do projeto conservador e neoliberal no país. Em São Paulo, João Doria aplica o mesmo projeto com seu programa de privatizações e venda do patrimônio público, corte de investimentos em diversas áreas sociais, com destaque especial para o desmonte dos programas de cultura, truculência na relação com as pessoas em situação de rua e defesa ferrenha dos interesses dos especuladores imobiliários na cidade.

Por outro lado, o golpe marcou também o fim de um ciclo de 14 anos dos governos federais do PT, que se tiveram algum sucesso na aplicação de políticas distributivas de renda, não enfrentaram questões estruturais do Estado brasileiro e abriram espaço para o crescimento destes setores mais reacionários, inclusive dentro da coalizão governista. Temas como reforma agrária, taxação de grandes fortunas, democratização dos meios de comunicação, reforma urbana para inverter a lógica excludente das cidades, reforma política, foram pautas quase totalmente negligenciadas durante os governos petistas.

Está evidente que as classes dominantes não veem mais espaço para a conciliação de interesses que marcou a última década. Querem não só o poder econômico, mas a totalidade do poder político e das instituições do Estado brasileiro. Da mesma forma, não há mais viabilidade para um programa político de esquerda que não se proponha a realizar mudanças estruturais e subverta a lógica dominante até então, que era a da conciliação com os interesses dos poderosos.

É neste cenário que a urgência e a necessidade de um processo de reorganização da esquerda brasileira surge e coloca o PSOL como um de seus atores fundamentais. Este processo tem duas vertentes fundamentais: combater os ataques da tríade golpista Temer-Alckmin-Doria, em frente única e com ampla unidade com todos os setores populares e democráticos dispostos a frear com mobilização estes retrocessos, e construir a partir destes processos dinâmicos de resistência um programa de mudanças estruturais para o país.

Temos consciência que não será o PSOL sozinho que encabeçará este processo. Por isso, apostamos acertadamente com todas os nossos esforços militantes no último período na construção da Frente Povo Sem Medo, um polo dinâmico de confluência de diversos movimentos, entidades e ativistas para resistir ao avanço conservador no país.

Foi deste espaço, com especial protagonismo do MTST, que nasceram vários dos principais episódios de resistência ao golpe, como a maior ocupação urbana da América Latina, em São Bernardo do Campo, que mobiliza mais de 8 mil famílias na luta por moradia. Em unidade com diversos setores democráticos, progressistas e populares, a Frente Povo Sem Medo também esteve à frente dos momentos de resistência mais aguda ao golpe, como a Greve Geral de 28 de abril de 2017, que por muito pouco não colocou de fato Michel Temer para fora do Palácio do Planalto e retardou por meses a aprovação da trágica Reforma Trabalhista.

Em São Paulo, especificamente, a Frente Povo Sem Medo tem realizado diversas experiências interessantes e inovadoras de resistência, com participação ativa da militância do PSOL. Como por exemplo os Bairros e Territórios Sem Medo, que articulam ativistas e os mais variados movimentos, coletivos e entidades em todas as regiões da cidade, principalmente nas áreas mais periféricas. Há exemplos de luta concreta destes núcleos dos Bairros Sem Medo em Capão Redondo, Taipas, Itaquera, Santa Cecília, São Mateus, Pompeia, por exemplo, além de novas experiências que surgirão em 2018. Várias cidades, como Cotia, Guarulhos, Campinas, Piracicaba, além da região do ABC, também tem suas próprias dinâmicas de Municípios Sem Medo. Dois fóruns de troca de experiências entre os Bairros Sem Medo foram realizados durante 2017 e mostram a potência desta articulação.

O Povo Sem Medo também foi muito importante nas constantes mobilizações contra as políticas de privatização e retirada de direitos de João Doria à frente da Prefeitura e de sua base política reacionária na Câmara Municipal. Se a máscara do “prefeito-gestor” vem caindo e sua aprovação desidratando a apenas 15% no final de seu primeiro ano de gestão, muito se deve à atuação unitária de tantos movimentos e ativistas progressistas através da SP Sem Medo.

Além de ser fundamental nas amplas mobilizações em unidade com vários setores da esquerda contra as várias faces do golpe representadas por Temer-Alckmin-Doria, a Povo Sem Medo vem cumprindo o papel de pensar um novo programa político para este novo ciclo da

esquerda brasileira, através da plataforma Vamos!, que mobilizou milhares de pessoas em debates presenciais (vários debates ocorreram em muitas regiões da cidade de São Paulo) e através de contribuições online durante o segundo semestre de 2017. Como foi decidido no congresso nacional, o programa do PSOL para 2018 será uma síntese das propostas do Vamos! com o acúmulo histórico do partido.

A política apresentada pelo PSOL no último período está em consonância com estes desafios e necessidades da esquerda para o próximo período. Sem nos isolar na autopromoção sectária e ineficiente, o partido reconheceu o momento ímpar na história brasileira e foi às ruas junto com os mais diversos movimentos sociais, sindicatos, partidos e todos os ativistas dispostos a defender a frágil democracia brasileira e combater o golpe institucional de 2016.

Assim como reconhecemos e valorizamos a importância e responsabilidade do PSOL de abrir novos caminhos para a esquerda brasileira do século XXI e apresentar um programa alternativo, de enfrentamento aos privilégios e construído “à quente” diretamente das mobilizações populares, feito por muitas mãos e resultado da convergência entre diversos movimentos sociais, para transformar o país.

Ele se expressará nas candidaturas do PSOL agora em 2018 para apresentar uma alternativa popular, democrática e socialista para o povo brasileiro. Esta alternativa apresentada não se encerra nas eleições de 2018 e é fundamental para firmar as bases da reorganização da esquerda brasileira neste novo ciclo que se inicia.

O PSOL terá candidatura própria a presidente, que será decidida na conferência eleitoral nacional em março. Para nós, o melhor nome para o partido é o nome de Guilherme Boulos, jovem e combativa liderança do MTST. Também apresentaremos candidatura própria para o governo do Estado de São Paulo para combater os mais de 20 anos de tucanato no Palácio dos Bandeirantes. A professora Lisete Arelaro, aprovada por unanimidade no último Congresso Estadual do PSOL SP, histórica militante pela educação pública brasileira, tem totais condições de apresentar para a população uma perspectiva de profunda mudança na forma de fazer política no governo estadual, assim como dialogar com amplos setores da base militante que se referencia nos ideais de esquerda e de transformação social.

## **Balanço do PSOL**

O Diretório Municipal do PSOL colaborou e esteve sempre na linha de frente da construção política contra o golpe institucional de 2016, que colocou o partido em posição privilegiada na conjuntura com a linha política mais acertada, defendendo a frágil democracia brasileira, mas sem deixar de fazer as necessárias críticas ao projeto petista de conciliação de classes.

O processo de entrada da histórica deputada federal e ex-prefeita de São Paulo Luiza Erundina para o PSOL e sua participação na vida cotidiana do partido deriva também deste acerto político da sua direção. Estes dois anos de muitos acertos políticos foram determinantes para a permanência da deputada no partido. Em todo esse processo tivemos ganhos em vários sentidos, como a qualificação e referência política que Erundina agregou a nossa bancada federal, a consolidação de uma candidatura competitiva do PSOL na disputa da Prefeitura em 2016 e contribuiu para colocar o partido como alternativa de um projeto viável de transformação da sociedade aos olhos de muitos paulistanos e paulistanas.

Na campanha eleitoral de 2016 também pudemos avançar no processo de unidade partidária e na construção de mais democracia interna, que refletiram em iniciativas importantes como um canal de comunicação direta de ajuda aos candidatos e candidatas até a democratização no tempo de televisão do horário eleitoral gratuito entre a chapa de vereadores e vereadoras. O processo de construção de uma chapa muito qualificada e representativa, com a presença de diversos representantes de movimentos populares que constroem diariamente o partido, com mulheres, negros e negras, LGBTs e muitos trabalhadores e trabalhadoras, foi fundamental para a ampliação da nossa bancada de vereadores na Câmara Municipal.

No último período tivemos um crescimento no número de filiados do PSOL, resultado do acerto de nossa linha política e do maior enraizamento do partido na cidade, que com o incentivo da direção resultou no aumento do número de núcleos e militantes que participam regularmente de instâncias do partido.

O Diretório Municipal realizou um debate aberto ao público com a presença da nossa bancada de vereadores para avaliar os primeiros seis meses do governo Doria, com representação de lideranças dos vários núcleos do partido na cidade com o objetivo de incentivar que este debate fosse levado para todas as regiões onde o PSOL tem atuação. O Diretório também

promoveu encontros de núcleos regionais, com temas e ações em comum para o fortalecimento das pautas locais e da organicidade dos núcleos. Também incentivou a participação dos núcleos regionais em panfletagens convocando para as Greves Gerais de 2017 nos terminais de ônibus e estações de metrô.

A falta de recursos financeiros é o principal entrave para nossa ampliação estrutural de novas formas de comunicação, como correspondências regulares, panfletos, boletins, jornais, etc. Diante desse quadro investimos em um boletim eletrônico e na página do PSOL São Paulo no Facebook como forma de comunicação com os nosso filiados e simpatizantes. Tal esforço resultou em um aumento de 600% no número de curtidas da página.

Tivemos importantes iniciativas institucionais no último período, como a representação no Ministério Público contra o prefeito João Doria e o vereador Fernando Holiday sobre as denúncias de caixa 2 nas eleições municipais de 2016. Também estivemos integrados nas principais lutas sociais do período, como no ato do 8 de Março, na Marcha das Mulheres Negras, nos atos contra os desmontes de políticas públicas para as mulheres do governo Doria, na articulação de frentes de luta unitárias entre os ativistas da cidade contra os governos golpistas e no incentivo à criação e desenvolvimento dos Bairros Sem Medo, que tem agregado diversos movimentos sociais na defesa dos direitos dos paulistanos e paulistanas.

Defendemos e reafirmamos na prática política do dia-a-dia que queremos um PSOL socialista, popular e de massas, que cresça com coerência e responsabilidade na institucionalidade e que também esteja sempre nas ruas e ao lado dos movimentos sociais lutando por direitos e uma nova sociedade.

### **Construção Partidária**

Os desafios que a conjuntura política apresentam ao PSOL não são poucos e portanto a nossa responsabilidade cresce exponencialmente. Para enfrentar o poderio político-econômico-midiático de João Doria à frente da Prefeitura, nosso partido não tem outra opção a não ser demonstrar maior maturidade política, com capacidade de atuação conjunta no dia-a-dia do movimento social e menos conflitos internos. É urgente ao partido conseguir lidar melhor com as naturais divergências entre suas correntes e ativistas e buscar resoluções comuns para que

possamos resistir aos desdobramentos cotidianos do golpe e postular o PSOL como polo central da reorganização da esquerda tanto no Brasil como em São Paulo.

A Executiva Municipal do PSOL São Paulo mostrou em certa medida que isso é possível, com o esforço constante da construção de resoluções consensuais e que representassem os mais variados posicionamentos internos no partido. Um dos desafios para o próximo período é aprofundar este esforço de todos os setores partidários para apresentar o PSOL como um porto-seguro aos ativistas de esquerda da cidade dispostos a enfrentar as medidas de João Doria.

A eleição de dois vereadores nas últimas eleições, com a reeleição do companheiro Toninho Vespoli e seu mandato popular e socialista e a eleição da companheira Sâmia Bomfim, a mais jovem mulher da história da Câmara Municipal, foi de extrema importância para ampliar a capacidade de atuação do partido nas lutas da cidade, ainda mais em tempos de ataques constantes como acontece na gestão Doria. O partido é cada vez mais referência na oposição ao projeto privatista do prefeito. A atuação da suplente Isa Penna durante o mês das mulheres em 2017, assim como nas lutas no parlamento e fora dele também merece muitos elogios e mostra o rumo certo que o PSOL vem trilhando na cidade.

A nova sede do PSOL em São Paulo, conquista também das últimas gestões estadual e municipal do partido, é mais uma ferramenta que os ativistas do partido têm para se organizarem no dia-a-dia e realizar atividades, debates, rodas de conversa, e o que mais puder ser feito para fortalecer a sua articulação na luta por direitos na cidade. Ela deve cada vez mais pulsar a construção cotidiana do partido.

A política de nucleação dos mais de 7 mil filiados ao partido na capital precisa ser aprofundada e a criação de novos núcleos do partido (são mais de 20 atualmente pela cidade) estimulada para enraizá-lo em todas as regiões. Apesar dos baixos recursos estruturais que o Diretório Municipal tem a sua disposição, é importante seguir avançando na política de filiação de novos ativistas e em uma política de comunicação cada vez mais dinâmica e próxima aos filiados e simpatizantes do partido.

As condições materiais para a construção de um partido de esquerda, socialista e coerente são longe das ideais, mas isso não é novidade para nós. Com os poucos recursos à disposição, é



fundamental que no próximo período a organicidade do partido na cidade e sua estrutura interna sejam fortalecidas. O PSOL tem plena capacidade de ser protagonista no processo de reorganização da esquerda brasileira!